



ARTIVISTAS LATINAS

Exposição Mulheres Radicais, que chega à Pinacoteca em agosto, joga luz na produção experimental de artistas femininas frente às censuras dos anos 1960 a 1980 por Julia Flamingo

UMA REUNIÃO DE 120 MULHERES, que não poderia ser mais ruidosa, densa, incômoda e inspiradora, toma as galerias da Pinacoteca de São Paulo a partir de agosto. A exposição *Mulheres Radicais (Radical Women)* tem doses cavalares de criatividade e um time feminino tão poderoso que deixaria qualquer Guerrilla Girl orgulhosa. Criada originalmente para o Hammer Museum, em Los Angeles, ela chega para questionar a tradicional história da arte que não dá lugar à produção feminina.

Enquanto uma das telas em preto e branco exibe a videoarte em que a baiana Letícia Parente costura com linha e agulha a frase *Made in Brasil* no próprio pé, uma série de fotos da argentina Graciela Carnevale mostra um grupo de pessoas trancado à força em uma galeria de arte. Ao obrigar os visitantes a participar de

sua exposição, ela questiona imposições da ditadura. A alguns passos, telas da colombiana Sonia Gutiérrez com estética *pop* retratam cenas de tortura. Em outra sala, a cantoria da poetisa Victoria Santa Cruz é registrada em vídeo para clamar pelo direito das minorias na sociedade peruana. Em forma de berros ou sussurros, os trabalhos realizados entre 1960 e 1985 por artistas latino-americanas demandavam o mesmo lugar emancipado para a mulher. E elas nem ao menos sabiam umas das outras.

Criada pela curadora de raiz venezuelana Cecilia Fajardo-Hill e pela pesquisadora argentina Andrea Giunta, *Radical Women* nasceu de uma pesquisa de sete anos sobre artistas latino-americanas que, num contexto de ditaduras e censuras das mais diversas, enxergaram o próprio corpo como ferramenta política de experimentação e liberdade. “Importante entender o ‘político’ como a libertação e exposição do corpo, erotismo, a relação do corpo com a sociedade e a natureza, o questionamento sobre padrões de beleza e, claro, a militância e resistência”, diz Valéria Piccoli, curadora-chefe da Pinacoteca, à **Bazaar**.

Entre os cerca de 200 trabalhos estão alguns assinados por nomes célebres, como o da cubana Ana Mendieta, com uma chocante série de fotos que reproduzem a cena de um crime de estupro e morte de uma colega da Universidade de Iowa. Da argentina Marta Minujín, consagrada na Documenta de Kassel, em 2017, com seu Partenon de livros censurados, serão apresentados registros de *La Menesuda*, instalação gigantesca e imersiva que propõe situações como um casal seminu numa cama e uma ala para massagem e maquiagem. Lygia Clark, Lygia Pape, Anna Maria Maiolino e Lenora de Barros estão entre as 27 brasileiras presentes na mostra.

Mais surpreendente é conhecer trabalhos de artistas que não ganharam visibilidade merecida. A chilena Lotty Rosenfeld, por exemplo, denuncia em seu vídeo a ocupação dos espaços públicos pelos militares de Augusto Pinochet, ao transformar as faixas de rodagem das estradas em sinais de + (o símbolo era usado por ela nas palavras de ordem “No +”, ou *no more*). O desejo sexual feminino é tema das esculturas da colombiana Feliza Bursztyn; em *Cama*, ela transporta a intimidade para o museu ao colocar formas que vibram embaixo de um cobertor vermelho. Vale destacar a cubana Zilia Sánchez e suas telas estiradas em formas que lembram seios e vaginas.

Além de influenciar gerações seguintes, esse grupo feminino redefiniu a linguagem artística. Foram pioneiras em criar estratégias para fazer fotoperformances, vídeos caseiros, captar imagens em movimento ou elaborar performances para as câmeras. “Com a censura política, essas mulheres precisavam conciliar atividades em escala doméstica com a produção artística. O vídeo proporcionou isso. Elas podiam criar suas obras sozinhas, em casa, sem precisar de um ateliê”, conta Jochen Volz, diretor artístico da Pinacoteca. A mostra encontra-se atualmente no Brooklyn Museum, de Nova York, em cartaz até o final de julho. Depois disso, começa o trabalho de importar as peças para o Brasil, onde a discussão sobre o lugar da mulher está mais forte do que nunca.

De 18 de agosto a 19 de novembro :: pinacoteca.org.br



Acima, fotografia da série *La servidumbre (Servitude)* (1978-79), de Sandra Eleta. Abaixo, Martha Araújo, *Hábito/Habitante* (1985). Na pág. ao lado, acima, trabalho da série *La manzana de Adán* (1982-90), de Paz Errázuriz. Abaixo, *Homenagem a George Segal* (1984), de Lenora de Barros



FOTOS: CORTESIA LENORA DE BARROS/GALERIA MILLAN; CORTESIA PAZ ERRÁZURIZ/GALERIA AFA, SANTIAGO; GALERIA ARTECONSULT S.A., PANAMA; E CORTESIA GALERIA JAQUELINE MARTINS